

Cronotopos políticos como ferramentas de propaganda em romances soviéticos uzbeques / *Political Chronotopes as Propaganda Tools in Soviet Uzbek Novels*

Bayram Bilir^{*}

RESUMO

A literatura é uma ferramenta essencial que reflete e molda a dinâmica social. Em muitos contextos, as obras literárias foram utilizadas como meio de propaganda para transmitir ideologias dominantes. O realismo socialista, desenvolvido principalmente no início do século XX em países membros da União Soviética, como o Uzbequistão, visava abordar problemas sociais de forma realista e promover a transformação sistêmica. Nessa corrente, as experiências individuais são avaliadas dentro de estruturas sociais amplas, permitindo que as vozes de diferentes camadas da sociedade sejam ouvidas. O conceito de cronotopo, desenvolvido por Mikhail Bakhtin, examina como tempo e espaço se entrelaçam nas obras literárias e como contribuem para a construção de sentido. Em especial, os cronotopos políticos são fundamentais para refletir as condições sociopolíticas de uma época e transmitir de forma eficaz as ideologias propagandísticas. Nos romances do realismo socialista da literatura uzbeque soviética, os temas de crítica social, conflito de classes, consciência coletiva e apelos à mudança social revelam como o tempo e o espaço são moldados pelo discurso ideológico. Assim, os temas políticos são apresentados de maneira concreta e eficaz por meio desses cronotopos, revelando a função política da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Romance uzbeque; Cronotopo; Propaganda; Realismo socialista

ABSTRACT

Literature is an essential tool that reflects and shapes social dynamics. In many contexts, literary works have served propagandistic purposes by transmitting dominant ideologies. Socialist realism, a literary movement that emerged in the early 20th century in Soviet countries such as Uzbekistan, aimed to represent social problems realistically and advocate for systemic change. Within this framework, individual experiences are contextualized within broader social structures, giving voice to various segments of society. Mikhail Bakhtin's concept of the chronotope, which explores the interplay of time and space in narrative, provides a valuable lens for analyzing how literature encodes ideological meaning. Political chronotopes, in particular, reveal the social and political conditions of their time and facilitate the dissemination of propaganda. In Soviet Uzbek novels shaped by socialist realism, themes such as class struggle, collective identity, and social transformation are expressed through spatial-temporal constructs like the kolkhoz, prison, and public square. These chronotopes not only reinforce ideological discourse but also demonstrate literature's role as a political instrument.

KEYWORDS: *Uzbek Novel; Chronotope; Propaganda; Socialist Realism*

^{*} Instituto Estadual de Línguas Estrangeiras de Samarcanda – SamSIFL, Faculdade de Línguas Orientais, Departamento de Línguas do Oriente Médio, Samarcanda, República do Uzbequistão; <https://orcid.org/0000-0002-8362-4390>; bayram-b@samdchti.uz

Introdução

Condições sociais, eventos históricos e fatores sociológicos são essenciais para a criação de obras literárias. Escritores refletem isso artisticamente através da memória, revelando sua identidade cultural e mundo ideológico (Cetinkaya, 2020, p. 2). Na literatura, tempo, espaço, cultura e ideologia estão interligados; cada obra emerge do contexto social, político e econômico em que nasceu. O realismo socialista visa transcender a emoção pessoal, expor a injustiça social e servir como ferramenta ideológica. A arte, nessa visão, critica o sistema, revela a exploração de classe e promove a mudança. A propaganda, assim, torna a literatura tanto descritiva quanto transformadora, fomentando a consciência de classe e a luta coletiva.

O realismo socialista emergiu na década de 1920 e foi sistematicamente adotado no Uzbequistão a partir de 1937 (Acik, 2012, p. 7), visando abordar questões sociais e construir uma ordem socialista por meio de heróis “salvadores” idealizados. Esse movimento, especialmente após a Revolução de Outubro¹ e a entrada russa no Turquestão, impôs uma missão ideológica aos escritores (Mirzayev-Daniyarov, 1978, p. 24). A literatura soviética uzbeque, alinhando-se à Escola Russa, abraçou a realidade soviética como base da literatura revolucionária. Sob a influência de Gorky, os escritores desenvolveram o método realista socialista e produziram obras ideologicamente motivadas (Yokubov-Mamacanov, 1971, p. 12).

Analisar o realismo socialista uzbeque é fundamental para compreender como a ideologia e a propaganda foram moldadas fora da Rússia. Valores socialistas, glorificação do trabalho e a tensão entre tradição e modernidade são temas centrais. Romances soviéticos frequentemente retratam a luta de classes e a identidade coletiva por meio de elementos espaciais ideológicos como *kolkhozes*², salões de reunião e praças públicas, enquanto prisões, corredores e cenas de suborno retratam o conflito individual. Esses espaços representam fases de transformação social, moldadas pela revolução, guerra e reestruturação do regime.

¹ Revolução socialista que ocorreu sob a liderança dos bolcheviques em 7 de novembro de 1917 (25 de outubro de 1917, de acordo com o calendário juliano) e lançou as bases da União Soviética ao derrubar o regime czarista na Rússia.

² Na União Soviética, *kolkhozes* eram as cooperativas de produção agrícola organizadas pelo Estado, nas quais os agricultores trabalhavam coletivamente, foram popularizadas no final da década de 1920 e início da década de 1930 como parte das políticas de coletivização forçada de Joseph Stalin.

Embora a teoria do cronotopo (Vittorio, 2013, pp. 332-341) possa parecer em desacordo com o realismo socialista, ela desempenha um papel crucial para a sua compreensão. Enquanto o realismo socialista prioriza o conflito de classes, Bakhtin vê os cronotopos como reveladores de visões de mundo através do tempo e do espaço (Bakhtin, 2018, p. 44)³. Os cronotopos ajudam a rastrear a crítica ideológica e a transformação pessoal, integrando a experiência individual com as dinâmicas histórico-espaciais.

Este artigo explora como os cronotopos funcionam como ferramentas ideológicas em romances soviéticos uzbeques, revelando as estruturas espaço-temporais que incorporam a propaganda. Com foco em quatro obras principais — *Qutlug Qon* [Sangue sagrado] de Muso Oybek⁴, *Nur Borki Soya Bor* [Há luz, há sombra] de Utkir Hoshimov⁵, *Opa-singillar* [Irmãs] de Askad Muhtor⁶, e *Jimjitlik* [Silêncio] de Said Ahmad⁷ —, a análise examina cronotopos literários como o kolkhoz, a prisão, o corredor, os salões de reunião e praças públicas, bem como o cronotopo de corrupção-suborno, que moldam a identidade coletiva e refletem tensões ideológicas. Cada um desses autores empregou o realismo socialista (Bilir-Yilmaz, 2023, p. 258) como uma estrutura criativa e ideológica para retratar a luta de classes, promover o coletivismo e narrar a transformação da sociedade uzbeque. Baseando-se na teoria de Bakhtin, o estudo argumenta que a intersecção de tempo e espaço reflete ideais socialistas ao mesmo tempo que expõe contradições e rupturas ideológicas. Combinando leitura atenta com contexto histórico, demonstra como os cronotopos tanto possibilitam a mensagem estatal quanto revelam suas falhas.

Os quatro romances foram selecionados por sua abrangência temática e representação de diferentes estágios históricos da literatura soviética uzbeque. *Qutlug*

³ BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II. Formas do tempo e do cronotopo no romance*. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34.

⁴ Moso Oybek (1905-1968), poeta, romancista e acadêmico que abordou questões históricas e sociais em suas obras.

⁵ Utkir Hoshimov (1941-2013), importante escritor da literatura uzbeque moderna, que trata da psicologia humana, família e mudança social, conhecido por seu estilo simples e impressionante.

⁶ Askad Muhtor (1920-1997), importante escritor e poeta da literatura uzbeque, que abordou mudança social, psicologia humana e questões históricas em seus romances, contos e poemas, e ganhou um lugar importante na literatura uzbeque com sua narrativa poderosa e observações profundas.

⁷ Said Ahmad (1920-2007), importante escritor, dramaturgo e jornalista da literatura uzbeque, que incluiu questões sociais, relações humanas e elementos humorísticos em seus contos e romances, alcançando um vasto público com seu estilo simples e fluente e fazendo importantes contribuições para a literatura uzbeque.

Qon explora o conflito de classes pré-revolucionário; *Nur Borki Soya Bor* critica o período socialista tardio; *Opa-singillar* examina o impacto da ideologia soviética nas mulheres; e *Jimjitlik* reflete o conflito individual com um estado repressivo. Esses autores se engajaram com a ideologia de maneiras distintas, contribuindo significativamente para sua era literária. Suas obras permitem uma análise comparativa dos cronotopos e suas funções ideológicas nas narrativas.

1 A relação entre literatura e propaganda

A relação entre arte e propaganda é antiga, remontando a impérios antigos que utilizavam símbolos visuais para afirmar seu poder. Embora a autonomia da arte tenha sido enfatizada no século XIX, o século XX reviveu debates sobre se a arte perde seu valor estético quando usada para propaganda (Clark, 2011, pp. 13-15). Esses debates frequentemente dependem de como ambos os termos são definidos e contextualizados.

Clark (2011, p. 11) descreve a arte como “uma atividade que visa alcançar a verdade, a beleza e a liberdade”. Essa definição baseia-se na ideia romântica de que a arte é um campo autônomo e considera contraditório mencionar propaganda e arte juntas. No entanto, aqueles que veem a arte como uma ferramenta social argumentam que a mensagem política e o valor estético podem coexistir. O que distingue a propaganda da arte politicamente engajada é a intenção: a propaganda sacrifica deliberadamente as preocupações estéticas para manipular, enquanto a literatura pode se envolver com a ideologia preservando o mérito artístico (Akçay, 2015, p. 45).

Críticos divergem sobre essa fronteira. Orwell observou na década de 1930 que a literatura havia se tornado ideologicamente carregada, alertando que a integridade estética estava sendo minada pela disciplina política (Orwell, 1941). Formalistas russos, como Shklovski, enfatizaram a independência estética da literatura e seu poder de “estranhamento” da percepção (Shklovski, 1995, p. 72). Inversamente, pensadores marxistas enfatizaram a natureza ideológica da literatura, mas sustentaram que as ideias políticas não precisam diminuir a qualidade artística (Eagleton, 1989, pp. 42-43).

Outros teóricos contribuem com visões mais matizadas. Van Doren distingue a literatura como esteticamente verdadeira e a propaganda como ideologicamente manipuladora (1938). Eagleton rejeita a noção de literatura como ideologicamente

neutra, enquadrando-a dentro de dinâmicas culturais mais amplas (1989, p. 36). Shpet considera o romance como retórico e possivelmente propagandístico, embora isso subestime seu potencial artístico (1927, p. 215). Siniavski denunciou a arte dirigida pelo Estado, argumentando que a propaganda limita a criatividade e a imaginação (1967, pp. 11-12).

Akpinar (2014, p. 9) enfatiza como os estados utilizam a propaganda para reforçar normas ideológicas por meio da arte, dependendo de prioridades políticas como religião ou nacionalismo. Similarmente, Bakhtin contrasta a estrutura polifônica do romance com o monologismo dos textos propagandísticos, que limitam vozes diversas e reduzem a literatura a uma única linha ideológica (1981, p. 37).

2 A usabilidade dos cronotopos como elementos de propaganda

O cronotopo, conforme formulado por Bakhtin, é a unidade narrativa onde tempo e espaço convergem, moldando não apenas a estrutura da história, mas também seu arcabouço ideológico (Bakhtin, 2018, pp. 228-229)⁸. Longe de serem neutros, os cronotopos enquadram como as tensões ideológicas são organizadas e tornadas visíveis. Rachel Falconer (2010, pp. 111-112) observa que é o choque de cronotopos — e, por extensão, de ideologias — concorrentes que lhes confere força política.

As categorias de cronotopo espacialmente fundamentadas de Bakhtin ajudam a revelar os fundamentos ideológicos das narrativas. Praças, por exemplo, servem como locais de ação coletiva e levante político; corredores simbolizam transições e mudanças sistêmicas; enquanto espaços como prisões, *kolkhozes*, salões de reunião ou escritórios administrativos tornam-se centros onde o poder se cristaliza. Particularmente, cenas de suborno e corrupção estão ligadas a locais específicos — escritórios, salas reservadas e ambientes institucionais — transformando-os em símbolos de falha ideológica. Aqui, a corrupção não é meramente pessoal, mas um reflexo da decadência estrutural dentro de um contexto espaço-histórico.

Em literatura orientada para a propaganda, os cronotopos não são apenas ferramentas narrativas, mas também marcos ideológicos. Eles ditam como os

⁸ Para referência, ver nota de rodapé n. 3.

personagens encontram ou resistem às ideologias dominantes e como o espaço narrativo é politizado. Por exemplo, a praça na ficção revolucionária torna-se um símbolo de esperança coletiva, enquanto interiores burocráticos em cenários autoritários podem representar repressão e vigilância. Através dessas configurações espaciais, os cronotopos ajudam a construir a arquitetura ideológica do texto e oferecem um método crítico para examinar como a propaganda opera através das dinâmicas espaço-temporais.

3 Literatura soviética uzbeque e romances ideológicos

A literatura soviética uzbeque começou a incorporar temas socialistas já nas primeiras obras de Hamza Hakimzada Niyazi⁹, especialmente *Boy va Hizmatchi* [O rico e o servo] (1918), que refletia a luta de classes e os ideais revolucionários (Mirzayev-Daniyarov, 1978, p. 24). Do período da Revolução de Outubro até a independência, essa literatura passou por fases distintas, espelhando as transformações ideológicas e estruturais da sociedade soviética (Sodik, 1976, p. 18).

O realismo socialista tornou-se dominante na década de 1930, com escritores como Ayni¹⁰, Qadiri¹¹, Oybek, Gulam¹² e Qahhar¹³ produzindo narrativas que glorificavam o socialismo e o patriotismo (Mirzayev, 2005, p. 15; Yokubov-Mamajanov, 1971, p. 12). Sob a influência do Congresso de Escritores da União Soviética¹⁴, a literatura uzbeque foi moldada por diretrizes ideológicas e passou a

⁹ Hamza Hakimzade Niyazi (1889-1929) foi um dos pioneiros da literatura uzbeque moderna. Ele foi um escritor, poeta e dramaturgo que escreveu obras sobre justiça social, educação e reforma. Ele apoiou a revolução soviética, mas foi assassinado em 1929 por causa de suas ideias reformistas.

¹⁰ Sadreddin Ayni (1878-1954) foi o fundador da literatura tadjique, um escritor e historiador. Ele abordou a desigualdade social em suas obras escritas em tadjique e uzbeque e contribuiu para o desenvolvimento da cultura e literatura da região.

¹¹ Abdulla Qadiri (1894-1938) é um dos pioneiros da literatura uzbeque moderna. Ele é conhecido por seus romances *Otkan Kunlar* [Dias passados] e *Mehrobdan Chayon* [O escorpião do altar]. Ele foi executado pelo governo soviético em 1938 sob acusações de nacionalismo.

¹² Gafur Gulam (1903-1966) é um poeta, escritor e tradutor. Destaca-se pelo seu estilo humorístico e crítico na literatura uzbeque.

¹³ Abdulla Qahhar (1907-1968) é um escritor de contos e romances. Ele lidou magistralmente com psicologia humana e mudança social em suas obras.

¹⁴ O órgão máximo da União dos Escritores Soviéticos, o Congresso iniciou suas atividades com o Primeiro Congresso Fundador realizado em Moscou entre 17 de agosto e 1º de setembro de 1934. Neste congresso, o estabelecimento da União dos Escritores Soviéticos foi declarado e o realismo socialista foi aceito como o método literário oficial. Além disso, o congresso aumentou o controle ideológico sobre a

ênfatisar a lealdade à ‘pátria socialista’. Embora ocasionalmente incorporasse elementos psicológicos e nacionais, a produção literária também refletia a pressão política e a censura. Entre 1980 e 1991, experimentou um período de estagnação, entrando em declínio após a independência (Bilir-Yilmaz, 2023, p. 259).

Entre as figuras proeminentes da literatura soviética uzbeque, Muso Oybek empregou magistralmente o tema do conflito de classes, característico do realismo socialista, em seu romance *Qutlug Qon*; Utkir Hoshimov explorou o tema da crítica social em *Nur Borki Soya Bor*; Askad Muhtor destacou o tema da consciência coletiva em *Opa-singillar*; e Said Ahmad retratou o tema de um chamado à mudança social em *Jimjitlik*.

O romance *Qutlug Qon* (1940), de Oybek, examina a sociedade uzbeque em 1917. O protagonista, Yolchi, é forçado a trabalhar em condições severas por seu tio latifundiário, Mirzakarimbay. Sua amada, Gulnar, é forçada a se casar e, mais tarde, é envenenada até a morte. Esses eventos moldam o curso do romance, culminando na prisão de Yolchi devido a falsas acusações. Na prisão, ele conhece o revolucionário russo Petrov, que o encoraja a se rebelar. No entanto, Yolchi é morto na praça durante o levante, simbolizando a luta contra a injustiça.

O romance *Opa-singillar* (1955), de Askad Muhtor, enfatiza a ideologia soviética da emancipação feminina. Na aldeia de Naymancha, tecelãs que antes recebiam salários baixos passam a trabalhar em uma fábrica estatal criada após a Revolução. A narrativa mostra como essas mulheres conquistam autonomia social e econômica, evidenciando o papel da ideologia socialista na transformação das relações de gênero.

Em *Nur Borki Soya Bor* (1976), Utkir Hoshimov oferece uma crítica contundente às contradições internas e à corrupção do sistema socialista. O protagonista, o jornalista Sherzad, sofre represálias após a publicação de um artigo crítico e é internado em um hospital, onde presencia diversas formas de desigualdade social. Lá, conhece Seyfullah e seu filho, figuras que simbolizam os quadros corruptos do regime. Apesar de seus esforços para denunciar tais injustiças, o medo coletivo

literatura soviética e direcionou os escritores a produzir obras que refletissem os ideais comunistas. De acordo com o estatuto adotado em 1934, o congresso, que deveria se reunir a cada três anos, não foi realizado pelos próximos vinte anos e se reuniu oito vezes de 1934 a 1986. O 9º Congresso não pôde ser realizado devido à dissolução da União Soviética.

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (4): e68107p, out./dez. 2025

Todo conteúdo de *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso está sob Licença Creative Commons CC - By 4.0

bloqueia qualquer possibilidade de mudança. O romance funciona, assim, como uma denúncia das promessas não cumpridas de justiça e igualdade no contexto soviético.

O romance *Jimjitlik* (1989), de Said Ahmad, investiga o impacto do regime socialista sobre a vida individual por meio da trajetória de Talibjon. Órfão desde a infância, Talibjon muda-se para Tashkent¹⁵ em busca de formação, mas acaba exilado na África após entrar em conflito com o Estado. Com a morte da esposa e do filho, retorna ao Uzbequistão, onde encontra uma sociedade marcada pelo suborno, pela opressão e pela desilusão. A obra retrata com intensidade a impotência do indivíduo diante de um sistema autoritário e imutável.

4 O uso de cronotopos como elemento de propaganda no romance soviético uzbeque

Nos romances uzbeques da era soviética, os cronotopos foram deliberadamente utilizados para mesclar tempo e espaço de maneiras que reforçavam as mensagens ideológicas. Essas configurações espaço-temporais refletiam os valores do regime socialista e estruturavam as narrativas em torno da luta de classes, posicionando os personagens dentro de papéis sociais mutáveis para promover a consciência coletiva.

Central a esses romances é a dicotomia entre opressores e a classe trabalhadora. Transições espaciais — de aldeias para fábricas, de bairros tradicionais para cidades modernas — simbolizam a transformação social mais ampla sob o socialismo. Os personagens navegam nessa mudança ideológica, apanhados entre os valores da velha ordem e a ascensão dos ideais coletivistas.

A crítica social também é proeminente, visando as tradições feudais, a corrupção burocrática e a tensão entre o interesse próprio e os princípios socialistas. Essas narrativas não apenas servem a propósitos propagandísticos, mas também funcionam como documentos literários que narram as mudanças socioeconômicas da era soviética.

¹⁵ A capital do Uzbequistão.

4.1 O poder dos ideais revolucionários e do espírito de luta: a prisão

Prisões não são apenas locais de disciplina, mas também cronotopos ricos em significado social, emocional e ideológico. Como espaços moldados pela experiência individual e pelo poder estatal, as prisões evoluem com os códigos culturais e a consciência histórica (Findikli, 2019, pp. 321-324). Desde a Revolução Francesa, as narrativas carcerárias na literatura tornaram-se proeminentes como espaços onde a transformação social e a resistência se enraízam (Akpinar, 2010, p. 22).

De acordo com Olpak Koc (2011, p. 29), as prisões funcionam como microcosmos da sociedade, fomentando o conflito ideológico e a transformação pessoal. Elas representam espaços institucionalizados onde a dissidência política e o livre pensamento são punidos, mas também onde ocorre o amadurecimento intelectual e ideológico — por vezes, tornando-se até mesmo “escolas” para a consciência política.

A prisão funciona como um cronotopo em romances realistas socialistas, onde o conflito de classes se torna mais pronunciado, a transformação ideológica ocorre e a crítica social se intensifica. Foucault (2010, p. 288)¹⁶ define a prisão como “vigilância, observação [que] tem sido o maior apoio, na sociedade moderna, do poder normalizador”. No entanto, segundo Gramsci (2000, p. 153), a prisão também pode ser “um sistema, um equilíbrio de instituições concretas, dentro das quais a sociedade desenvolve uma consciência de sua existência e seu desenvolvimento e sem as quais a sociedade não poderia existir ou se desenvolver de forma alguma”. Na teoria do cronotopo de Bakhtin, a prisão, semelhante ao cronotopo do limiar (2018, p. 224), também adquiriu “na vida do discurso (juntamente com seu significado real), um significado metafórico, e passou a combinar-se com o momento da reviravolta na vida, da crise, da decisão (ou da indecisão, do medo de ultrapassar o limiar) que muda a vida, adicionando assim uma forte intensidade dramática à narrativa”. Portanto, em romances realistas socialistas, a prisão não é meramente um espaço de opressão, mas também um local onde a consciência coletiva se desenvolve e o chamado por mudança social ganha impulso.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 38. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010.

Segundo Bakhtin, o “*aprisionamento e cárcere* pressupõem *cerceamento e isolamento* do herói em *determinado lugar do espaço*, o que obsta o posterior movimento espacial em direção ao seu objetivo, ou seja, as perseguições e as buscas ulteriores, etc.” (2018, p. 31)¹⁷. Nesse contexto, o conceito de cronotopo, se expresso em um contexto diferente, pode ser entendido como as características físicas e históricas das prisões que transformam e determinam, em certa medida, a natureza da experiência do confinamento espacial na mente do prisioneiro.

A função educativa da prisão é uma imagem cronotópica recorrente — vista como um lugar de autoaperfeiçoamento, transmissão cultural e desenvolvimento espiritual (Findikli, 2019, p. 331). Muitos escritores realistas socialistas retratam o tempo passado na prisão como o preço pago por um futuro melhor (Tahir, 1991, p. 374; Ran, 2016, p. 126).

Em *Qutlug Qon*, de Oybek, a prisão funciona como um cronotopo crítico. O protagonista Yolchi é falsamente acusado e preso após entrar em conflito com as elites locais. Na prisão, ele conhece Petrov, um revolucionário russo, que se torna seu mentor e o inspira a abraçar os ideais socialistas. A prisão, assim, transforma-se em uma escola metafórica.

Petrov disciplina esse bravo homem, Yolchi, que é esmagado sob o jugo dos ricos. Ele está cheio de ódio por eles com todo o seu ser e procura uma maneira de lutar contra eles com o espírito e o amor da revolução. Ele ilumina suas ideias com o fogo da luta pela revolução¹⁸.

O cronotopo da prisão nessas passagens representa a interação entre as ideologias dos personagens, de acordo com a perspectiva soviética realista socialista. As experiências de Yolchi na prisão refletem sua posição de classe e sua luta social. Ao mesmo tempo, a influência do personagem russo Petrov sobre Yolchi representa o poder dos ideais revolucionários e do espírito de luta, em conformidade com a compreensão do realismo socialista.

¹⁷ Para referência, ver nota de rodapé n. 3.

¹⁸ Em uzbek: “Boylarning bo’yinturug’i ostida obdan ezilgan, butun borlig’i ularga qarshi nafrat bilan to’lgan, kurash yo’lini qidirgan bu aqlli yigitni - Yo’lchini Petrov butun revolyutsion ruhi va sevgisi bilan tarbiyalaydi, revolyutsion kurash alangasi bilan uning fikrlarini oydinlashadi” (Oybek, 2021, p. 336).

As queixas de Yolchi sobre os ricos e a “grosseria!” que ele experimenta na casa de chá são eventos que refletem os conflitos de classe social. Essa situação revela como as vidas dos personagens no ambiente prisional continuarão e como suas lutas de classe são moldadas. O encontro do personagem russo Petrov com Yolchi e sua tentativa de se comunicar com ele mostram como a resiliência e a unidade revolucionária podem se desenvolver no ambiente prisional.

Portanto, o cronotopo da prisão no romance representa a interação do ambiente social dos personagens, da luta de classes e dos ideais revolucionários a partir de uma perspectiva soviética. Nesse contexto, o ambiente prisional funciona como um microcosmo e um elemento de propaganda política, refletindo a mudança e a luta social.

4.2 O cronotopo em que se revelam os conflitos, a discriminação e as relações de poder entre as classes sociais: o *kolkhoz*

Nos romances uzbeques, a área que determina toda a vida socioeconômica da sociedade no campo é o alojamento de inverno. No entanto, cada alojamento de inverno é um *kolkhoz*, ou fazenda coletiva. “Um *kolkhoz* não é uma estrutura que torna as pessoas felizes e prósperas após a guerra” (Apaydin, 2016, p. 124). Pelo contrário, o *kolkhoz* é construído como uma instituição onde os líderes oprimem o povo e o empurram ao desespero por seus próprios interesses. Nos romances examinados, notou-se que os *kolkhozes* estavam, na verdade, no centro da crítica social através dos crimes cometidos pelos governantes. Em relação a tais situações, Bakhtin afirma,

Desse modo, a série de aventuras, com seu acaso está aqui absolutamente subordinada à série que a engloba e assimila: culpa-castigo-expição-beatitude. Essa série já é guiada por outra lógica bem diferente, não pela lógica da aventura. Essa série é ativa e determina antes de tudo a própria metamorfose, ou seja, a troca das imagens do herói (2018, p. 56)¹⁹.

Nesse aspecto, o cronotopo do *kolkhoz* tem sido avaliado como um cronotopo político, pois revela os aspectos politicamente críticos do realismo socialista.

¹⁹ Para referência, ver nota de rodapé n.3.

Nos romances soviéticos uzbeques, o cronotopo do *kolkhoz* representa a transição para a produção coletiva e expõe administradores tirânicos e arrogantes que exploram esse processo. Dentro desse cronotopo, burocratas que corrompem os ideais socialistas, priorizam interesses pessoais em detrimento do trabalho coletivo ou oprimem o povo, são sujeitos a críticas. Essas figuras são retratadas como agindo contra o espírito da coletivização e são frequentemente expostas por trabalhadores ou camponeses conscientes, garantindo o cumprimento da justiça revolucionária. Assim, o *kolkhoz* torna-se um espaço de transformação social e um palco onde os ideais socialistas são testados, a corrupção é revelada e os verdadeiros valores revolucionários são reafirmados. Nesse contexto, o cronotopo do *kolkhoz* serve como um espaço narrativo que destaca os conflitos de classe e expõe a decadência burocrática que pode emergir dentro do sistema socialista.

No romance *Nur Borki Soya Bor*, o protagonista da obra, Sherzad, que é enviado ao *kolkhoz* para investigar o abuso de poder no Kolkhoz Tiniksay, chega ao vinhedo do *kolkhoz* usado pelo chefe como quartel-general. A descrição histórica e social do vinhedo, um espaço social, é feita.

Quando convidados importantes vinham, tapetes e colchões eram espalhados ao redor da piscina. Mas nenhum trabalhador *kolkhoz* ousava chegar perto da pérgola. Por alguma razão desconhecida, quando os trabalhadores iam para o vinhedo, eles passavam longe da pérgola por medo ²⁰.

No romance, a investigação de Sherzad no Kolkhoz Tiniksay revela dinâmicas sociais através do cronotopo do *kolkhoz*. O caramanchão, localizado no centro do *kolkhoz*, simboliza poder, privilégio e hierarquia de classes. Construído pelo Chefe do Kolkhoz em vinte hectares de terra apropriada, o vinhedo e sua imponente estrutura de dois andares — com um espaçoso andar superior usado para hospedar convidados de elite — destacam divisões sociais gritantes. Enquanto o chefe desfruta desse espaço exclusivo, os trabalhadores do *kolkhoz* são excluídos, refletindo os temas socialistas realistas do romance sobre a luta de classes e a desigualdade. O caramanchão do

²⁰ Em uzbek: “Aziz mehmon kelganda hovuz atrofidagi so‘rilarga patgilamlar yoziladi, atlas-adras ko‘rpachalar to‘shaladi. Ammo shiypon yaqiniga kelishga biron kolxozchining haddi sig‘maydi. Negadir ko‘pincha ular boqqa kirishganda ham hadiksirab, shiyponni chetlab o‘tadilar” (Hoshimov, 2021, p. 160).

vinhedo, usado para proteger os interesses do chefe, torna-se um marcador espacial de injustiça, traçando limites invisíveis entre os poderosos e os oprimidos.

Um uso semelhante do caramanchão como símbolo de elitismo aparece em *Jimjitlik*, de Said Ahmad. Aqui, o líder do *kolkhoz*, Mirvali, mantém um jardim e caramanchão privados para entreter dignitários:

Mirvali tinha esse caramanchão instalado na colina no ano passado e só trazia convidados importantes aqui. O tio Nurmat espalhava esterco de ovelha na terra de meio acre atrás do caramanchão e plantava melões. O tio Nurmat não tinha outro trabalho além de esperar pelo convidado que vinha uma vez por mês e cuidar desse jardim²¹.

No romance de Said Ahmad, o caramanchão do *kolkhoz* é descrito como um espaço exclusivo para o líder do *kolkhoz*, Mirvali. A recepção de convidados importantes no caramanchão destaca diferenças de status social e dinâmicas de poder, clarificando assim a hierarquia dentro das relações sociais. O chalé de Mirvali dentro do *kolkhoz* é uma área privilegiada, uma característica significativa no realismo socialista, refletindo conflitos, discriminação e relações de poder entre as classes sociais.

Em ambos os romances, o caramanchão funciona como um cronotopo de divisão social, marcando um espaço de exclusão onde o poder e o privilégio são exercidos e reforçados. Torna-se uma metáfora visual e espacial para a desigualdade, contradizendo os ideais de trabalho coletivo e unidade.

Assim, na literatura soviética uzbeque, o *kolkhoz* e seus espaços associados — particularmente o caramanchão — revelam as contradições internas do projeto socialista. Esses cronotopos servem não apenas como locais da vida cotidiana, mas como plataformas para a crítica ideológica, dramatizando o choque entre os ideais coletivistas e a realidade do autoritarismo burocrático.

4.3 Cronotopo da crítica aos serviços públicos e às políticas sociais: o corredor

²¹ Em uzbek: “Bu shiyponni adirning tepasiga o‘tgan yili Mirvalining o‘zi qurdirgan, faqat aziz mehmonlarnigina olib kelardi. Nurmat tog‘a shiypon orqasidagi yarim gektarcha joyga selitrasiz, qo‘y qi‘yi solib, qovun-tarvuz ekardi. Oyda-yilda bir keladigan mehmonni kutishdan va shu polizga qarashdan boshqa Nurmat tog‘aning ishi yo‘q edi” (Ahmad, 2023, s. 35).

O corredor, que Bakhtin considera um espaço público onde crises e pontos de virada ocorrem, é um dos cronotopos onde escândalos e desastres irrompem. Bakhtin afirma: “são os lugares onde se realizam os acontecimentos das crises, das quedas, das ressurreições, dos renascimentos, das renovações, do “estalo”, das decisões que determinam toda a vida de um homem. Nesse cronotopo o tempo é, em suma, um instante que parece não ter duração e que sai do curso normal do tempo biográfico” (Bakhtin, 1993, pp. 224-225).

No entanto, Bakhtin aceita tais áreas como o espaço do romance e afirma: “o limiar, a ante-sala, o corredor, o patamar, a escada e seus lanços, as portas abertas para a escada, os portões dos pátios e, fora disto, a cidade: as praças, as ruas, as fachadas, as tavernas, os covis, as pontes, a sarjeta – eis o espaço desse romance (Bakhtin, 2008, p. 197)²².

Consistente com essa informação, o corredor do hospital aparece no romance *Nur Borki Soya Bor* como o espaço público onde as crises irrompem.

Ouviu-se novamente aquele som de tosse vindo do corredor. ... “Por que não pegam a cama vazia e vêm?”, pensou. “Para quem esse lugar é reservado? Sherzad sentiu algo nos primeiros quatro dias em que entrou no hospital. Embora as regras de organização desse lugar fossem as mesmas para todos, também havia pacientes que escolhiam o lugar e administradores que alocavam leitos de acordo com as posições dos pacientes²³.

Esta passagem exemplifica como o cronotopo do corredor é utilizado para expor a disparidade entre as políticas oficiais e as realidades vividas. Embora o hospital devesse ser regido por regulamentos igualitários, as observações de Sherzad revelam o exercício informal de favoritismo político e privilégio hierárquico. O corredor do hospital, assim, torna-se um microcosmo das dinâmicas sociopolíticas mais amplas, refletindo injustiças estruturais na alocação de recursos e serviços públicos.

²² BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio Paulo Bezerra. 4. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

²³ Em uzbek: “Yo‘lak tomondan yana o‘sha yo‘tal tovushi keldi. ... ‘Nimaga joy bo‘sh turib, olib kirishmaydi? - deb o‘yladi u g‘ijinib. - Kimga saqlab turishibdi?’ U kasalxonaga tushgandan buyon o‘tgan mana shu to‘rt kun ichida bir narsani sezdi. Bu yerning tartib-qoidolari hammaga baravar bo‘lsa ham, joy tanlaydigan bemorlar, kasallarning ‘mavqeyi’ga qarab joy taqsimlaydigan odamlar ham bor ekan” (Hoshimov, 2021, p. 7).

Além disso, a confusão espacial e a opacidade burocrática que Sherzad experimenta ilustram como a arquitetura institucional reforça a desigualdade social. Seu questionamento interno sobre a organização do hospital é uma crítica direta à forma como o poder político medeia o acesso a direitos básicos, como a saúde.

O corredor como cronotopo não apenas mapeia transições físicas, mas também encena o despertar ético e ideológico do personagem. O confronto de Sherzad com o diretor do hospital, desencadeado por essas injustiças, aprofunda ainda mais a crítica. Sua crise destaca como os arranjos espaciais — quem ocupa qual leito, quem espera no corredor — são determinados menos pela necessidade do que pelo capital político.

Assim, o cronotopo do corredor em romances soviéticos uzbeques funciona como um dispositivo narrativo para criticar instituições públicas e políticas sociais. Dentro da estrutura do realismo socialista, ele reflete a contradição entre a ideologia da igualdade e a realidade do privilégio sistêmico, posicionando o próprio espaço como um local de tensão e revelação política.

4.4 Cronotopo de críticas políticas, lutas de classe e mudança social: a praça

Bakhtin explica em detalhe, através de seus papéis nos romances de Dostoiévski, que eventos em espaços abertos como praças “provocam uma mudança significativa na trama” (Sevgi, 2023, p. 72). Nas obras de Dostoiévski, o limiar e os cronotopos relacionados; juntamente com os cronotopos da escadaria, saguão e corredor, os cronotopos da rua e da praça que levam esses espaços para o ar livre também constituem as principais cenas de ação. São os locais onde são vivenciadas crises, quedas, ascensões, renovações, revelações e decisões que determinam a vida de uma pessoa. Dentro deste cronotopo, o tempo é sentido como instantâneo; parece não ter duração e estar separado do fluxo normal do tempo biográfico (Bakhtin, 2008).

Na literatura soviética uzbeque, o cronotopo da praça é frequentemente utilizado para retratar o conflito de classes, a resistência coletiva e a mudança ideológica. Torna-se um espaço onde as injustiças sociais são expostas, a resistência pública emerge e os valores do socialismo — igualdade, solidariedade, revolução — são exaltados. A praça, assim, incorpora a contradição entre as antigas hierarquias sociais e a nova ordem defendida pelo realismo socialista.

Em *Qutlug Qon*, Oybek usa a praça para encarnar as dinâmicas ideológicas e espaciais do momento revolucionário. O protagonista Yolchi, após testemunhar a humilhação de um velho fazendeiro em uma praça pública, torna-se sensibilizado às desigualdades de classe: “As pessoas se reuniram na praça. Alguns ficaram com pena, outros apenas assistiram. Naquele momento, o merceeiro da praça também veio. Ele vagou como um cão faminto, examinando os melões”²⁴.

A cena enfatiza a exploração econômica — o merceeiro, ciente do desespero do fazendeiro, oferece um preço muito abaixo do valor de mercado para os melões do agricultor. A praça aqui simboliza tanto a visibilidade pública do sofrimento quanto a injustiça sistêmica das relações de trabalho desiguais. A simpatia de Yolchi destaca os ideais de solidariedade e resistência centrais ao realismo socialista.

Mais tarde no romance, a praça se torna o ponto focal de um levante em massa. Após o decreto do Czar²⁵ para recrutar apenas os filhos dos pobres, o povo se reúne na praça em protesto. Yolchi, libertado da prisão e agora politicamente despertado por seu mentor Petrov, organiza a multidão:

“Marchai, bravos homens, marchai! Vamos para a praça defender os nossos direitos!” As censuras e gritos das mulheres, as suas maldições contra os opressores e os gritos corajosos dos jovens começaram a assustar algumas pessoas²⁶.

A passagem descreve os gritos, clamores e aplausos das mulheres e jovens na praça, refletindo suas intensas reações emocionais e a raiva. Esse clamor coletivo contra a opressão, combinado com a progressão dinâmica da praça como cronotopo ao longo do tempo, retrata vividamente a resistência concreta. A multidão, liderada por Yolchi, é composta por diversos segmentos sociais — fazendeiros, diaristas, servos e artesãos — todos unidos em torno de um objetivo comum (Oybek, 2021, p. 358). De uma

²⁴ Em uzbek: “Atrofdam odam to‘plandi. Ba‘zilar achinadi, ba‘zilar tomoshabin”. Mana, shu guzarning o‘spirin baqqoli ham yetib keldi, och itday alanglab, qovunlarni ko‘zdan kechirdi (Oybek, 2021, p. 40).

²⁵ Czar russo é o título dado aos governantes que reinaram na Rússia entre 1547 e 1917. O primeiro czar oficial foi Ivan IV (Ivan, o Terrível), e o último czar foi Nicolau II. O regime czarista terminou com a Revolução de Fevereiro de 1917.

²⁶ Em uzbek: “Yuraver, yigitlar, yuraver! Maydonga ro‘yirost chiqib, haqimizni dov qilamiz!” Ayollarning yig‘i va xitoblari, zolimlarni qarg‘ashlari, yigitlarning mardona ovozlari ba‘zi kishilarni cho‘chitib, olazarak qildi (Oybek, 2021, s. 354).

perspectiva realista socialista, essa situação sublinha o poder e a solidariedade das pessoas que lutam juntas.

Os gritos que emanam da praça refletem o desespero sentido contra a opressão e a guerra, revelando amargas realidades sociais. Como cronotopo em um romance realista socialista, a praça simboliza a gênese da resistência contra a injustiça e a opressão, onde vários segmentos da sociedade coalescem. Vista por essa lente realista socialista, o cronotopo funciona como uma arena de rebelião contra as desigualdades sociais e a opressão, representando um ambiente onde os oprimidos, injustiçados e perseguidos se unem e levantam suas vozes.

No romance *Opa-singillar*, de Askad Muhtor, o cronotopo da praça funciona como um espaço de rebelião e revolta, espelhando uma trama paralela em *Qutlug Qon*. Petrov, mentor de Yolchi em *Qutlug Qon*, e Yefim, mentor de Sabircan em *Opa-singillar*, são apresentados como personagens que cultivam a consciência da rebelião e levam o povo às praças para o levante (Muhtor, 2023, p. 32). Em *Opa-singillar*, esse levante ocorre no período pré-revolucionário, refletindo a agitação social que precedeu a transformação sistêmica. Da perspectiva dos romances realistas socialistas, isso destaca o aspecto funcional das praças como espaços de acerto de contas que confrontam a injustiça social entre o opressor e o oprimido, o governante e o governado.

A praça simboliza uma postura contra as injustiças sociais, retratando vividamente as realidades socialistas. Nesse contexto, a praça, como cronotopo, simboliza as lutas sociais e a busca por justiça dentro da estrutura do realismo socialista. Esse local funciona como uma plataforma onde as pessoas se reúnem para se rebelar, lutar e exigir mudança.

Na seção do romance *Opa-singillar* que se passa após a revolução, a praça aparece como um cronotopo político. Mulheres trabalhadoras que estabeleceram uma fábrica têxtil em Naymança com a ajuda do Partido Comunista organizam uma reunião na praça do bairro para a inauguração da fábrica em 8 de março. Os discursos políticos no comício estão entrelaçados com elementos da propaganda do governo comunista. A reunião de abertura da fábrica, celebrada em uma atmosfera festiva na grande praça, arrasta o romance para uma estrutura carnavalesca.

A reunião na praça assumiu o ar de uma conversa amigável. As palavras foram recebidas com aplausos, e os aplausos com discursos apaixonados. Alguns gritaram do fundo do pódio sem tomar a palavra. Os altos slogans gritados de longe eram frequentemente interrompidos pelos sons de “urra”²⁷.

Aqui, a praça torna-se carnavalesca, mesclando discurso político com celebração comunitária. Slogans, cânticos e discursos espontâneos indicam a formação de uma consciência coletiva, moldada e encenada no espaço público.

Em ambos os romances, mentores como Petrov e Yefim atuam como agentes que conduzem personagens oprimidos à conscientização política, impulsionando-os para a praça pública a fim de se rebelarem. Esses personagens incorporam a função ideológica da literatura socialista, guiando indivíduos da passividade à ação.

Em última análise, o cronotopo da praça nos romances soviéticos uzbeques funciona como um palco para a mudança histórica. É onde o sofrimento privado se transforma em ação pública, e onde a transformação ideológica é espacialmente realizada. A praça opera duplamente — como um local de rebelião contra as autoridades pré-revolucionárias e como um espaço para a propaganda política do regime pós-revolucionário. Como símbolo de luta social, crítica política e despertar coletivo, a praça é central para a representação da consciência revolucionária dentro da estrutura do realismo socialista.

4.5 Cronotopo da decadência social: suborno e corrupção

A corrupção, como forma de deterioração social na literatura, refere-se ao uso ilícito de autoridade por funcionários públicos para ganho pessoal ou de grupo, tanto material quanto simbólico. Inclui comportamentos como suborno, nepotismo, favoritismo e o mau uso de recursos públicos (Berkman, 1983, p. 16; Aktan, 1999, p. 38; Pellegrini, 2011, pp. 14-16). Embora frequentemente discutida sob o guarda-chuva do suborno, a corrupção abrange um sistema mais amplo de desvios do dever público para interesse privado (Tasar-Çevik, 2017, p. 141)

²⁷ Em uzbek: “Miting qudratli, quvonchli, shovqinli, kattakon samimiy suhbatga aylandi. So‘zlar qarsaklarga, qarsaklar otashin xitoblarga ulanib ketdi. Ba’zilar so‘z olmasdanoq pastdan turib qichqirib so‘zlab ketar, uzoqlardan baland ovoz bilan shiorlar notiqqlarning gapi ‘Ura!’ tovushlari bilan bo‘linar edi” (Muhtar, 2023, s. 542).

Do ponto de vista cultural, estudos sugerem que a corrupção é mais prevalente em sociedades coletivistas, onde a identidade compartilhada e a lealdade ao grupo frequentemente diminuem a responsabilidade individual. Pessoas em tais culturas podem perceber o suborno não como uma falha moral, mas como uma ação necessária para garantir benefícios futuros, especialmente em tempos de instabilidade (Fischer *et al.*, 2014). Essas tendências são refletidas na literatura que critica tanto as falhas sistêmicas quanto as normas culturais que as sustentam.

Na literatura realista socialista, a corrupção não é meramente uma falha moral, mas um problema estrutural, sintomático de degeneração ideológica. Através do conceito de cronotopo de Bakhtin, o suborno e a corrupção estão inseridos em contextos espaciais e temporais específicos — como escritórios governamentais, instituições educacionais e fazendas coletivas (*kolkhozes*) — que servem como locais simbólicos de erosão social e moral. Esses cronotopos iluminam as contradições dentro dos sistemas socialistas, dramatizando a traição dos ideais ideológicos e mobilizando o leitor para a crítica e a transformação.

Conforme se depreende das definições apresentadas, a prevalência da corrupção e do suborno em culturas coletivistas também é explorada no romance *Nur Borki Soya Bor*.

Daquele dia em diante, Siraceddin nunca mais tirou dois pontos na aula. Claro, ele também não tirou cinco pontos, mas seu professor também não lhe deu dois pontos. Quando seu pai ocasionalmente perguntava: “Como seu professor de química enfiava o rabo como um cachorro?” Siraceddin acalmava seu pai dizendo que estava tudo bem. “Ele não vai mais te incomodar, ele vai te respeitar”, ele disse²⁸.

O sucesso acadêmico de Siraceddin é artificialmente construído através de suborno, enfatizando como a corrupção permeia até mesmo as instituições de ensino. Sua posterior admissão na universidade também ocorre não por talento, mas por manipulação: “Algumas 'mãos' o empurraram e o colocaram na universidade” (Hoshimov, 2021, p. 47). Esse arco narrativo capta como o favoritismo e o clientelismo

²⁸ Em uzbek: “O‘shandan keyin u ikki olmay qo‘ydi. Albatta, besh ham ololmasdi-yu, ammo ikki ham qo‘yishmasdi. Dadasi ora-chora qalay, kimyo ma‘liming dumini qisdimi, deb so‘rab qo‘yar, Sirojiddin hamma ishlar joyida ekanini aytib, dadasini tinchitar edi. ‘Endi senga tegmaydi!- derdi Sayfiddin aka. - Endi seni hurmat qiladi’. Nihoyat oltinchi dars tamom bo‘lganidan keyin zina oldida kimyo o‘qituvchisiga ro‘para bo‘ldi” (Hoshimov, 2021, s. 46).

minam a justiça e a meritocracia, transformando a educação em uma arena transacional. A instituição educacional, nesse contexto, torna-se um cronotopo de decadência, onde as futuras gerações são moldadas não pelo aprendizado, mas pela corrupção sistêmica.

Uma crítica estrutural mais profunda é apresentada em *Jimjitlik*, de Said Ahmad (1988), que retrata o sistema de *kolkhoz* soviético em seus anos finais. Através do personagem Hajimurad, o romance expõe a corrupção institucionalizada no setor agrícola. Relatórios fraudulentos de algodão, manipulação de números de produção e arrendamentos de terra não documentados revelam a podridão dentro de uma das instituições econômicas mais celebradas da União Soviética.

A manipulação da produção por Hajimurad permitiu que o *kolkhoz* recebesse prêmios e bônus do estado, apesar de falsificar registros. Seu arrendamento de terras com acordos informais ilustra ainda mais a evasão sistêmica da regulamentação (Ahmad, 2021, pp. 38-39).

Aqui, a fazenda *kolkhoz* funciona como um cronotopo onde as narrativas oficiais de produtividade socialista são contraditas pela realidade vivida de engano e exploração. O cenário espacial e temporal — o período soviético tardio — é parte integrante da compreensão de como os ideais de coletivismo e prosperidade compartilhada deram lugar ao egoísmo e à desilusão.

Tanto *Nur Borki Soya Bor* quanto *Jimjitlik* adotam uma abordagem realista socialista, retratando a corrupção não como incidentes isolados, mas como reflexos de uma decadência social mais ampla. Em ambas as obras, a crítica ideológica é central: a erosão moral causada pelo suborno e nepotismo está ligada ao fracasso dos ideais socialistas. As instituições — escola e *kolkhoz* — servem como cronotopos que evidenciam a contradição entre o discurso oficial e a experiência vivida.

Apesar de seus temas compartilhados, os romances diferem em seu foco cultural e histórico. Nur Borki Soya Bor examina o impacto em nível micro do suborno na sociedade uzbeque pós-Stalin, particularmente no campo da educação e da ambição familiar. Em contraste, Jimjitlik capta o colapso institucional em nível macro durante os anos finais da União Soviética, usando a corrupção econômica como metáfora para a desintegração em todo o Estado.

Em conclusão, o cronotopo do suborno e da corrupção nesses romances uzbeques funciona como um poderoso dispositivo narrativo. Ele situa a decadência

moral dentro de instituições identificáveis e momentos históricos, enfatizando as maneiras pelas quais as falhas sistêmicas refletem e perpetuam colapsos ideológicos mais amplos. Esses cronotopos, portanto, oferecem não apenas uma crítica à injustiça social, mas também um chamado para confrontar as normas culturais e as estruturas políticas que a sustentam.

4.6 Um cronotopo de lutas pelo poder, hipocrisia e momentos críticos quando os destinos dos indivíduos são determinados: a reunião

Por outro lado, “o romance picaresco opera basicamente com o cronotopo do romance de aventuras e de costumes – com a estrada pelo universo pátrio. E a postura do pícaro (...) [cuja novidade] é o brusco reforço do elemento da denúncia do mau convencionalismo e de toda a ordem existente (Bakhtin, 2018, p. 116). No romance *Nur Borki Soya Bor*, após irregularidades no Kolkhoz Tiniksoy serem reportadas ao jornal, as partes envolvidas são convocadas para uma reunião no prédio do Comitê Regional. Todos os presentes são funcionários e escritores de órgãos estatais. A historicidade da sala de reuniões, detalhada através das descrições de Sherzad, juntamente com o humor e as atitudes dos presentes, permite que a própria reunião funcione como um cronotopo.

O secretário do distrito começou seu discurso de forma breve e clara.
- Um artigo crítico intitulado “Quem é o dono da escola?” foi publicado no jornal Jumhuriyet. O comitê investigou devido a este artigo. Se ouvirmos o relatório do comitê...²⁹

Inicialmente, os aliados do chefe do *kolkhoz* o defendem citando suas supostas conquistas. No entanto, Sherzad acaba por expor as injustiças e violações cometidas sob sua liderança, particularmente o desrespeito aos direitos dos trabalhadores do *kolkhoz*. O diálogo, as evidências e a dinâmica retórica da reunião refletem uma estrutura de problema-solução-salvador — uma marca distintiva da narrativa realista socialista. A reunião conclui com o chefe do *kolkhoz* sendo responsabilizado, enfatizando o desejo de restaurar a justiça social.

²⁹ Em uzbek: “Obkom kotibi gapni lo‘nda boshladi: Jumhuriyat gazetasida ‘Maktabning xo‘jayini kim?’ degan feleton bosilgan edi. Shu feleton yuzasidan obkom komissiyasi tekshirish o‘tkazgan. Komissiya hisobotini eshitsu...” (Hoshimov, 2021, p. 203).

Esta cena serve como um cronotopo realista socialista, dramatizando o confronto entre a verdade e o poder, a podridão institucional e a consciência moral. Convida os leitores a refletir sobre os mecanismos pelos quais a sociedade tenta se corrigir, muitas vezes de forma imperfeita, através de reuniões formais, mas simbolicamente carregadas.

Em contraste, *Jimjitlik*, de Said Ahmad, apresenta um retrato mais cínico do cronotopo da reunião, onde as reuniões oficiais mascaram a hipocrisia e consolidam o poder. Em uma cena crítica, Talibjon condena publicamente o Ministro Lokmanov por demitir injustamente trabalhadores abnegados. O discurso de Talibjon recebe aplausos, mas a origem e a sinceridade das palmas permanecem ambíguas — simbolizando a natureza performática do discurso público.

Apesar da crítica aparentemente triunfante, Lokmanov permanece inalterado e retalia, exilando Talibjon, o que expõe a futilidade da resistência moral dentro de um sistema corrupto. Essa reunião não leva à justiça, mas ilustra o enraizamento do poder e a supressão da dissidência.

O cronotopo da reunião aqui representa tanto a ilusão de prestação de contas quanto a sombria realidade da repressão política. Funciona como um dispositivo narrativo por meio do qual o romance critica as instituições estatais, revelando como as *performances* públicas de democracia podem ocultar impulsos autoritários mais profundos. O leitor não é deixado com esperança, mas com uma maior consciência da injustiça sistêmica.

Quando comparados, os cronotopos da reunião em *Nur Borki Soya Bor* e *Jimjitlik* diferem em tom e resultado, mas compartilham preocupações temáticas centrais. Ambos revelam lutas de poder, hipocrisia e momentos cruciais nos quais os destinos individuais são determinados. Enquanto *Nur Borki Soya Bor* mostra um cenário onde os mecanismos institucionais ainda podem trazer justiça, *Jimjitlik* sublinha o domínio do carreirismo e da manipulação política.

Além disso, essas cenas de reunião refletem pontos focais distintos dentro da crítica do realismo socialista mais ampla. *Nur Borki Soya Bor* aborda a corrupção nas bases e seu impacto no coletivo, enquanto *Jimjitlik* foca na decadência interna do aparato estatal. Cada um usa o cronotopo da reunião para estruturar sua crítica ideológica e guiar a percepção do leitor sobre justiça, poder e ordem social.

No contexto da literatura uzbeque durante a era soviética, o cronotopo da reunião desempenhou um papel central na transmissão de mensagens ideológicas. Sob a influência soviética, o Estado era frequentemente retratado como o arquiteto do progresso social. Reuniões oficiais, frequentemente apresentadas em romances do realismo socialista, funcionavam não apenas como dispositivos de enredo, mas também como veículos de propaganda estatal, reforçando ideais coletivistas e a autoridade institucional. Ao mesmo tempo, como visto nestes dois romances, elas também se tornaram espaços para contestar narrativas oficiais, nos quais autores desafiavam sutil ou abertamente a legitimidade do poder.

Em suma, o cronotopo da reunião na literatura realista socialista uzbeque encapsula as contradições da vida ideológica soviética. Seja oferecendo esperança de reforma ou expondo a desesperança da resistência, essas reuniões dramatizam a intersecção do destino pessoal e da autoridade pública, servindo como momentos cruciais nos quais as tensões ideológicas são expostas e a sociedade é tanto criticada quanto reimaginada.

Conclusão

Este estudo explorou como os cronotopos funcionam como estruturas narrativas ideologicamente carregadas em romances soviéticos uzbeques moldados pelo realismo socialista. Através da análise de seis cronotopos-chave — prisão, reunião, *kolkhoz*, praça, suborno e corrupção, e corredor — demonstrou-se que espaço e tempo não são cenários passivos, mas instrumentos ativos de expressão ideológica.

Cada cronotopo reflete uma faceta específica da cosmovisão soviética. A prisão serve não apenas como local de punição, mas de reabilitação ideológica. As reuniões dramatizam a injustiça social e as lutas por poder, frequentemente reforçando valores coletivos ou expondo falhas sistêmicas. O *kolkhoz* representa ideais coletivistas, ao mesmo tempo em que revela contradições internas. As praças funcionam como espaços performáticos para a participação em massa e exibição ideológica.

Em contraste, os cronotopos de suborno e corrupção expõem a erosão dos ideais socialistas, revelando lacunas entre as reivindicações ideológicas e a realidade vivida.

Os corredores, como espaços de transição, simbolizam a transformação interna e a ambiguidade ideológica.

Juntos, esses cronotopos demonstram como a ideologia está incorporada na própria estrutura narrativa. Eles apoiam temas centrais ao realismo socialista — crítica social, luta de classes e consciência coletiva — ao mesmo tempo em que convidam à reflexão sobre contradições ideológicas. Em última análise, esses cronotopos funcionam como locais onde as tensões ideológicas são dramatizadas, negociadas ou deixadas sem solução, alinhando-se à visão de Bakhtin de cronotopos como portadores ativos de significado moldados por seus contextos culturais e históricos.

REFERÊNCIAS

- ACIK, Fatma. Comparison of Words Related to Family Life between Turkish Spoken in Turkey and Uzbek. *Cukurova Turkoloji*, pp. 1-8, 2012.
- AHMAD, Said. *Jimjitlik*. Tashkent: Sano-Standart, 2021.
- AKCAY, Ebru. *Moral Fiction against Literary Fiction: The Analysis of Propaganda Elements in Hidayet Novels*. 2015. 174 p. (Master thesis) – Ankara University, Ankara, 2015.
- AKPINAR, Soner. Reality of Prison in The Kerim Korcan's Novels and Stories. *Ankara University Faculty of Language, History and Geography Turkology Journal*, v. 17, n. 2, pp. 21-36, 2010.
- AKPINAR, Soner. The Approach of Socialist Realism to the Relationship between Literature and Politics in the Triangle of Art, Community, and Ideology. *The Journal of International Social Research*, v. 7, n. 30, pp. 7-26, 2014.
- AKTAN, Can. *From Dirty State to Clean State*. Ankara: Yeni Turkiye Publications, 1999.
- APAYDIN, Mustafa. Chronotopic Structure of Elveda Gülsarı Written by Cengiz Aytmatov. *Journal of Cukurova University Social Sciences Institute*, v. 25, n. 3, pp. 117- 128, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogical Imagination. Four Essays*. Translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BAKHTIN, M. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. 8th printing. Translated by Caryl Emerson. Minneapolis, MN, University of Minnesota Press, 1984.
- BERKMAN, Umit. *Corruption and Bribery in Public Bureaucracy*. Ankara: TODAD Publications, 1983.
- BILIR, Bayram; YILMAZ, Arif. Socialist Realism in Uzbek Literature. *International Journal of Turkic Dialects*, v. 7, n. 2, pp. 249-260, 2023.

CETINKAYA, Ersin. (2020). *Socialist Realism in Maxim Gorky and Sabahattin Ali*. 2020. 375 p. (PhD thesis in Arts) - Ataturk University, Erzurum, 2020.

CLARK, Toby. *Sanat ve Propaganda: Kitle Kültürü Çağında Politik Imge*. Translated Esin Hossucu. Istanbul: Ayrıntı Publications, 2011.

DOREN, Mark Van. Literature and Propaganda. *Virginia Quarterly Review*, Spring 1938, Vol. 14, No. 2. 1938. Available at: <https://www.vqronline.org/spring-1938/literature-and-propaganda>. Access on: 20 June 2024.

EAGLETON, Terry. *Marxism and Literary Criticism*. London and New York: Routledge, 1989.

FALCONER, Rachel. Heterochronic Representations of the Fall: Bakhtin, Milton, De Lillo. In: BEMONG, Nele.; BORGHART, Pieter.; DE DOBBELEER, Michael. (Eds). *Bakhtin's Theory of The Literary Chronotope: Reflections, Applications, Perspectives*. Gent: Academia Press, 2010.

FINDIKLI, Erhan Berat. Prison Spaces and Multiple Chronotopes in Türkiye 1923-1953. *Journal of the Academic Studies of Turkic-Islamic Civilization*, v. 14, n. 28, pp. 321– 338, 2019.

FISCHER, Ronald; FERREIRA, Maria Cristina; MILFONT, Taciona; PILATI, Ronaldo. Culture of Corruption? The Effects of Priming Corruption Images in a High Corruption Context. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 45, n. 10, pp. 1594-1605, 2014.

FOUCAULT, Michael. *Discipline and Punish*. The Birth of the Prison. Translated from the French by Alan Sheridan. New York: Vintage Books, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *Antonio Gramsci*. Pre-Prison Writings. New York: New York University Press, 2000.

HOSHIMOV, Utkir. *Nur Borki Soya Bor*. Tashkent: Yangi Asr Avlodi. 2021.

MIRZAYEV, Saydulla; DANIYAROV, Hudoyberdi. *Uzbek Sovet Adabiyoti*. Tashkent: Ukutuvchi Publications. 1978.

MIRZAYEV, Saydulla. *XX. Asr Uzbek Adabiyoti*. Tashkent: Yangi Asr Avlodi, 2005.

MUHTOR, Askad. *Opa-singillar*. Tashkent: Yangi Asr Avlodi, 2021.

OLPAK KOC, Canan. *The Prison Now, the Republic of Turkish Literature Stories*. 2011. 149 p. (Master thesis) – Samsun Ondokuz Mayıs University, Samsun, 2011.

ORWELL, George. *The Frontiers of Art and Propaganda*. 1941. Available at: http://orwell.ru/library/articles/frontiers/english/e_front. Access on: 19 June 2024.

OYBEK, Muso. *Qutlug Qon*. Tashkent: Zukko Kitobhon. 2021.

PELLEGRINI, Lorenzo. *Corruption, Economic Analyses of Corruption, Development and the Environment*. Springer Science Business Media B.V., pp. 13-27. 2011.

RAN, Nazim Hikmet. *Kemal Tahir'e Maphushaneden Mektuplar*. Istanbul: Ithaki. 2016.

SEVGI, Gulbin. *The Chronotope in the Turkish Novel (1870-1928)*. 2023. 408 p. (Phd thesis in Art) – Hacettepe University, Ankara, 2023.

SHKLOVSKI, Victor. Teknik Olarak Sanat. TODOROV Tzvetan. (ed.). *Yazın Kuramı: Rus Biçimcilerinin Metinleri*, Translated Mehmet Rifat; Sema Rifat. Istanbul: Yapı Kredi Publications, pp. 66- 83, 1995.

SHPET, Gustav Gustavovich. *Vnutrennyaya Forma Slova* [The Inner Form of the Word]. Moscow: State Academy of Arts. 1927.

SINIAVSKI, Andrei. *Sosyalist Realizm*, Translated S. Türker. Istanbul: Haroba Publications, 1967.

SODIK, S. *Uzbek Sovet Adabiyoti Tarihi*. Tashkent: Ukutuvchi Nashriyoti, 1976.

TAHIR, Kemal. *Notlar / 1950 Öncesi*. Istanbul: Baglam, 1991.

TASAR, Mehmet Okan; CEVIK, Savas. The Cultural Determinants of Corruption and Bribery. *Selcuk University Social Sciences Institute Journal*, v. 38, pp. 140-153, 2017.

VITTORIO Strada. Mihail Bakhtin, Derd Lukach: Problema Romana i Sotsialisticheskiy Realizm. *Tri Kvadrata*. 2013.

YOKUBOV, H.; MAMACANOV S. *Uzbek Sovet Adabiyoti Tarihi, II. Cilt*. Tashkent: Uzbekiston SSR Fan Nashriyoti. 1971.

Traduzido por Utkir Burkhonov – utkirburkhon24@gmail.com

Declaração de disponibilidade de conteúdo

O conteúdo subjacente ao texto da pesquisa está incluído no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O manuscrito apresenta uma análise de como os cronotopos transmitem posições ideológicas nos romances de escritores soviéticos uzbeques. Em termos gerais, achei o manuscrito muito interessante e bem escrito, mas sugiro alguma reorganização e expansão para torná-lo mais adequado para publicação.

Um problema que observei é que o autor não consegue conectar as diferentes seções do manuscrito de forma clara. Por exemplo, a relação entre cronotopos/ideologias e propaganda deve ser destacada como tema central desde o início, e o autor também deve apresentar sua tese principal em relação ao papel dos cronotopos nos romances, além de descrever antecipadamente os cronotopos que serão examinados e os romances que serão o foco da análise. As conclusões também devem ser a base da introdução.

O autor também deve explicar melhor a escolha dos autores e romances. Acredito que seja necessária uma seção específica onde o autor apresente todos os escritores e

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (4): e68107p, out./dez. 2025

romances analisados, resuma seu conteúdo e apresente os cronotopos que serão o foco da análise. Também é importante contextualizar se e em que medida os intelectuais uzbeques, como os escritores aqui analisados, aderiram à ideologia do regime soviético em relação ao papel da arte. Por exemplo, na seção 2, o autor fala sobre Was Siniaski, mas não explica quem ele foi e se foi um pensador influente.

Um segundo problema é o fato de que a construção do cronotopo, tão central neste artigo, recebe tão pouca atenção na seção introdutória. O autor precisa se aprofundar na concepção de Bakhtin sobre o cronotopo e se aprofundar nos tipos de cronotopos considerados e no que os torna cronotopos. Por exemplo, alguns dos cronotopos examinados referem-se ao espaço (o corredor ou a praça), mas outros são de natureza diferente (o cronotopo da Decadência Social). Essa ambiguidade já vem de Bakhtin, que via os cronotopos operando em escalas diferentes, mas o autor precisa explicar isso e apontar os diferentes tipos de cronotopos que Bakhtin propôs.

Mais alguns pontos menores. Infelizmente, não há números de página no manuscrito, então o autor precisará localizar os parágrafos específicos.

1. O autor pode expandir e esclarecer o parágrafo a seguir? Achei-o completamente confuso.

“Por outro lado, os Estados utilizam diversas ferramentas de propaganda para manter a continuidade de sua ideologia. No entanto, as ideologias preferem usar sensibilidades religiosas, morais e nacionais, dependendo de suas posições políticas. Essa situação acrescenta uma dimensão adicional às suas expressões e as fortalece ainda mais” (Akpinar, 2014, p. 9).

2. No parágrafo seguinte, explique e desenvolva o motivo da introdução dos cronotopos. “Como se pode compreender a partir dessas visões, toda literatura nacional sob a influência soviética inevitavelmente recorrerá a elementos de propaganda em seus produtos literários. Nesse ponto, os cronotopos emergem como um elemento básico nas análises de romances ideológicos.”

3. O que significa o seguinte?

“A diversidade humana que ela contém cria um ambiente natural, embora necessário, e oferece um ambiente experimental em um espaço fechado tanto para quem vive nele quanto para quem observa de fora.”

4. O autor pode explicar melhor a relação entre tempo/espaço e o cronotopo no texto a seguir?

“Graças à representação da forma e dos tipos de corrupção, as características do tempo e do espaço são reveladas como cronotopos. Considerando o período em que a obra foi publicada, ela demonstra que a União Soviética, que estava prestes a entrar em colapso, estava se deteriorando internamente. Said Ahmad expressou realisticamente o tema da corrupção, uma realidade nas fazendas kolkhozes, por meio do cronotopo em sua obra”.

REVISÕES REQUERIDAS [Revisado]

Anna De Fina – Georgetown University, Georgetown University, Washington DC, Estados Unidos da América; <https://orcid.org/0000-0002-0007-972X>; definaa@georgetown.edu

Parecer emitido em 15 de novembro de 2024.

Parecer II

O título “Cronotopos políticos como ferramentas de propaganda em romances soviéticos uzbeques” reflete o arcabouço teórico aplicado para o exame dos cronotopos políticos apresentados no estudo. Portanto, o título apresenta-se adequado ao artigo. Embora o objetivo do estudo não tenha sido exposto de forma clara no resumo do artigo, é possível observar que o autor tem como objetivo examinar cronotopos na perspectiva de Bakhtin, a fim de trazer uma reflexão sobre as condições políticas e sociais de um período específico por meio de romances realistas. A ideia é mostrar que esses cronotopos do romance permitem a transmissão eficaz de ideologias propagandísticas. Essa abordagem se faz presente de forma coerente no desenvolvimento do texto. O texto apresenta um diálogo produtivo com a concepção de cronotopo de Mikhail Bakhtin, demonstrando conhecimento atualizado da bibliografia selecionada para o estudo. Tendo em vista que o conceito de cronotopo, desenvolvido por Mikhail Bakhtin, examina como o tempo e o espaço se unem em uma obra literária e constroem significados, o autor se debruça sobre cronotopos políticos presentes em romances soviéticos uzbeques políticos essenciais. O trabalho apresenta dessa forma uma contribuição no que diz respeito à compreensão do modo como as condições políticas e sociais de um período específico permitem a transmissão eficaz de ideologias propagandísticas. O texto apresenta clareza e adequação da linguagem para os padrões de um trabalho científico. APROVADO

Denísia Moraes dos Santos – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil; <https://orcid.org/0009-0005-6654-2173>; denisia.moraes@hotmail.com

Parecer emitido em 9 de fevereiro de 2025.

Editora responsável

Maria Helena Cruz Pistori